

A presente edição segue a grafia do novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa

info@marcador.pt
www.marcador.pt
facebook.com/marcadoreditora

© 2017, Direitos reservados para Marcador Editora
uma empresa Editorial Presença
Estrada das Palmeiras, 59
Queluz de Baixo
2730-132 Barcarena

Copyright © 2015 by Peter May
Publicado pela primeira vez no Reino Unido pela Quercus, em 2015.
Todos os direitos reservados.
Nenhuma parte deste livro pode ser utilizada ou reproduzida em qualquer forma
sem permissão por escrito do proprietário legal.

Título original: *Runaway*
Título: *Em Fuga*
Autor: Peter May
Tradução: Ana Mendes Lopes
Revisão: Sérgio Fernandes
Paginação: Maria João Gomes
Capa: Vera Braga/Marcador Editora
Imagens de capa: © Shutterstock
Impressão e acabamento: Multitipo – Artes Gráficas, Lda.

ISBN: 978-989-754-298-5
Depósito legal: 421096/17

1.ª edição: fevereiro de 2017

*O dedo que se move escreve; e, tendo escrito,
Desaparece: e nenhuma piedade nem nenhum talento
O trarão de volta para mudar meia linha,
Nem uma palavra podes apagar com o teu pranto.*

The Rubáiyát, Omar Khayyám

PRÓLOGO

Londres

*A*cordou com suores frios de um sonho invadido pela escuridão e pelo sangue. Depois de uma vida inteira na qual foi outra pessoa numa outra terra, questionou-se acerca de quem seria agora. Este homem que, sabe-o bem, se está a desvanecer depressa de mais. Uma vida desperdiçada em nome de um amor perdido. Uma vida que parece ter-se passado num piscar de olhos.

As três semanas que decorreram desde que regressou àquele lugar foram de alguma forma as mais longas de toda a sua vida. É estranho como a dor e o medo prolongam o tempo para lá de limites nunca sonhados, ao passo que a busca pela felicidade acaba quase antes de começar. E, vinda de um passado há muito esquecido, perdido no meio do pó de giz e do leite quente, chegou-lhe uma lembrança da relatividade. Pousa a mão sobre o fogão durante um minuto, e vai parecer-te uma hora. Senta-te com uma rapariga bonita durante uma hora, e vai parecer-te um minuto.

Chegou de barco. Veio no ferry que atravessava de Calais. Era uma lembrança simbólica do dia em que guiara o seu barco através do nevoeiro de primavera até a uma costa estrangeira. Depois, passou pelo controlo de passaportes. Quando o agente da alfândega o abriu, o seu coração quase parou de bater. Porém, o agente olhou para o passaporte com o mais apressado dos olhares. Porque, claro, já ninguém andava à sua procura. Não depois daqueles anos todos. Um homem velho, pálido e transpirado como ele era mandado passar sem um segundo olhar. Era o que ele era naquela terra. Um estranho.

O pequeno e miserável quarto estava quente e escuro, com as cortinas corridas para afastar a luz da cidade e o burburinho monótono do trânsito noturno que lhe invadia os sonhos. A pouca luz que havia formava gradualmente sombras em volta do quarto e, pela primeira vez, apercebeu-se de que alguma coisa o despertara. Uma espécie de sexto sentido que o avisara subitamente da presença de mais alguém no quarto.

Sentou-se de repente, assustado.

– Quem está aí?

Por um instante, ouviu-se apenas o silêncio.

Depois, uma voz ondulou no meio da escuridão; as palavras davam-lhe murros suaves na cabeça, como luvas de boxe.

– Tem calma, meu velho amigo. Está na hora de falarmos. – A voz era meiga e quase reconfortante.

Percebeu imediatamente de quem era.

– Como me encontraste?

Ouviu o outro sorrir.

Depois, a voz fez-se ouvir novamente, condescendente, quase em tom de censura.

– Simon, Simon. Foi tão simples seguir-te a partir do café. – Uma inspiração.

– Como diabo conseguiste manter-te despercebido durante este tempo todo?

– O que queres? Não fui suficientemente claro?

– Como a água.

– Então, o que há para falarmos?

O vulto de um homem separou-se das sombras e pairou subitamente sobre ele.

– A morte, claro.

Simon ouviu, mais do que viu, o movimento. O agitar do algodão sobre a seda. E depois a textura suave e fria do arame à medida que se enrolava ao seu pescoço. Apertou-se com uma rapidez e uma ferocidade inesperadas. Não teve tempo para gritar. As suas mãos agarraram os pulsos do atacante, mas Simon percebeu rapidamente que não era suficientemente forte para o deter. Mesmo assim, não ia deixar de lutar. Não foi para aquilo que regressara. Porém, a pouca força que tinha depressa se esvaiu e Simon apercebeu-se de um rosto a poucos centímetros do seu. A luz escassa do quarto juntava-se no reflexo de uns olhos outrora familiares. Agora mostravam-se cruéis, cheios de ódio. Antes de a escuridão surgir para extinguir a luz e a vida para sempre.

Lentamente, o assassino largou o vulto sem vida, para o deixar cair novamente sobre a cama, frágil com a idade, mas mais pesado com a morte. No meio da escuridão, o estalido foi ensurdecedor e a luz que caiu sobre a cama, como o homem morto, quase chocante.

As mãos protegidas por látex desenrolaram uma tela e abriram-na sobre os lençóis ainda quentes. A luz brilhou sobre as lâminas de cinco bisturis refulgentes e estéreis. O pijama de Simon estava puxado sobre o antebraço esquerdo e um dos bisturis foi escolhido. Todos os gestos foram desempenhados com a certeza infalível de um homem que sabia que tinha todo o tempo do mundo para aquela tarefa.

Cuidadosamente, com uma perícia extraordinária e bem apurada, o assassino começou a cortar a pele do antebraço, esfolando-o. Havia muito pouco sangue para manchar a cama. Porque o coração de Simon há muito que desistira de o tentar enviar para o corpo, que arrefecia muito depressa.

UM

Glasgow

I

Jack desceu do autocarro quase no fim de Battlefield Road e levantou a cabeça em direção ao céu, inundado por uma sensação de mau presságio. Observou a silhueta melancólica e manchada do Hospital Victoria, que subia a colina sobre o campo onde Mary, a rainha da Escócia, fora derrotada por James VI, e sentiu-se como se alguém caminhasse sobre a sua sepultura.

Na verdade, sabia que já não precisava da bengala. A maior parte da força havia regressado ao corpo e o prognóstico que se seguira ao pequeno enfarte do miocárdio tinha sido bom. A dieta que o forçaram a seguir baixara os valores do colesterol e diziam-lhe que as caminhadas diárias faziam melhor do que uma hora passada no ginásio.

Ainda assim, habituara-se a depender dela, como se de uma velha amiga se tratasse. Gostava da sensação da coruja de bronze que se enroscava na palma da sua mão e lhe dava estabilidade e confiança. Imutável, como tudo o que o rodeava.

A velha escola de Queen Park já desaparecera. Primeiro, fora abandonada; depois, consumida pelo fogo, antes de, finalmente, ser demolida. O Battlefield Rest, com os azulejos verdes e beges e a torre

do relógio, que outrora funcionara como quiosque de jornais e sala de espera dos elétricos da cidade, era agora um restaurante italiano. A biblioteca Langside, um presente final de Carnegie, com a sua fachada de arenito vermelho, ainda estava de pé, mas a enfermaria, que para Jack estava cheia de recordações formativas e finais, iria fechar brevemente, com as suas funções a serem transferidas para o Southern General.

Foi ali que, quando era criança, tirou as amígdalas e as adenoides. Ainda se lembrava do cheiro a borracha quando lhe puseram a máscara no rosto para o adormecerem na sala de operações; também se lembrava da linha de luz que naquela noite passava por baixo da porta do quarto de duas camas, com misteriosas sombras a andarem de um lado para o outro no corredor, como se fossem demónios negros que atormentavam a sua jovem imaginação.

Porém, quando entrou no átrio velho pintado de verde e inspirou o deprimente cheiro de antisséptico característico do hospital, a memória que quase o esmagou foi a da morte da mãe.

Lembrou-se das noites escuras de inverno que passou à sua cabeceira; às vezes, encontrava-a perturbada; outras, quase em estado comatoso; e uma vez deu com ela rodeada da sua própria sujidade. Lembrou-se também da noite em que lá chegou e encontrou, finalmente, a cama da mãe vazia. Fora transferida para a enfermaria de outro edifício, disse-lhe a freira que ali trabalhava.

Demorou algum tempo a encontrá-la. E, quando isso aconteceu, sentiu que tinha entrado subitamente num palco preparado para uma catástrofe terrível. A enfermaria vitoriana tinha um ar cavernoso, com as camas e os biombos dispostos de forma caótica e a luz em manchas difusas que mal penetravam a escuridão. Ela agarrou-lhe na mão, assustada com os gemidos e gritos ocasionais dos outros doentes que não conseguia ver, e murmurou:

– Trouxeram-me para aqui para morrer. – E a seguir: – Não quero morrer sozinha.

Ele ficou sentado ao lado da mãe até lhe ser permitido. Depois, a hora da visita chegou ao fim e disseram-lhe que tinha de se ir embora.

A mãe não queria que ele fosse e a última imagem que Jack guardava dela mostrava-a com os olhos inundados de medo.

Na manhã seguinte, um agente da polícia bateu-lhe à porta. O hospital perdera o seu número de telefone – como sempre acontecia, não obstante as vezes que já o tinha dado. A mãe morrera durante a noite. Sozinha, como temera. Jack sentiu-se inundado por uma persistente sensação de culpa, que nunca chegou a abandoná-lo completamente.

Embora não visse Maurie há muitos anos, a certa altura soubera que ele estava doente com cancro. E, quando o rabi lhe ligara para o informar de que ele gostaria de o ver, Jack ficou a saber que o amigo também sofrera um ataque cardíaco grave. Ainda assim, nenhuma das notícias o preparara para a sombra de homem que encontrou na cama do hospital, encostado a um par de almofadas.

Maurie sempre tivera uma certa constituição roliça, mesmo quando era adolescente. Depois, com a boa vida que se seguiu à sua nomeação para a Ordem dos Advogados de Glasgow – e com a atividade em advocacia na área do direito imobiliário, que lhe valeu uma pequena fortuna –, deixou de ser roliço para passar a ser corpulento.

Porém, agora, a única coisa que se via por cima dos ossos era pele solta; o rosto que outrora era redondo apresentava um ar cadavérico e, depois da quimioterapia, a cabeça manchada pelos anos quase não tinha cabelo. Parecia ter mais vinte anos do que Jack, de 67. Parecia ser de outra geração.

Contudo, os olhos castanho-escuros de Maurie ardiam com uma intensidade que contrariava a sua aparência. Tinha tubos ligados aos braços e ao rosto, mas pareceu nem dar por eles quando se ergueu para se sentar, subitamente animado com a chegada de Jack. E, no sorriso que lhe dirigiu, Jack viu o antigo Maurie. Matreiro, conhecedor, superior. O derradeiro homem-espetáculo, confiante e seguro em palco, consciente da sua imponente voz e da presença que atraía para si todos os olhares, não obstante os outros elementos da banda.

Aos pés da cama, duas enfermeiras estavam a ver *Coronation Street* na televisão de Maurie.

– Vá, saiam lá daqui – disse-lhes ele. – Temos coisas para conversar; precisamos de privacidade.

Jack ficou surpreso ao constatar como aquela voz, outrora tão poderosa, se tornara tão débil.

– Fecha a porta – disse a Jack, quando as enfermeiras saíram. E a seguir: – Sou eu que pago pela porcaria da televisão, e elas veem mais programas do que eu.

Maurie gostava de encarnar a personagem do judeu, embora nunca levasse isso demasiado a sério. Pelo menos assim achava Jack. «O meu povo», dizia sempre ele, com um brilho no olhar. Mas os quase quatro mil anos tinham raízes profundas. Jack crescera numa família conservadora, protestante do Sul, e, quando começou a frequentar a casa de Maurie, tudo lhe parecia estranho e exótico. Comia-se peixe *gefilte* e pão *matzo*. Depois da escola, tinha *schul*, ia à sinagoga no *sabat* e celebrava o *bar mitzváh*, a cerimónia que marcava a passagem dos meninos judeus à maioridade religiosa. As velas ardiam numa menorá colocada à janela; duas na véspera do *sabat* e nove no *Hanukkah*. E nas ombreiras de todas as portas afixava-se um *mezuzah*.

A relação de Maurie com os pais era conduzida à *haute voix*, o que inicialmente chocara Jack, porque parecia que estavam constantemente em guerra uns com os outros. A gritaria era constante. Mas depois ele apercebeu-se de que era simplesmente a sua forma de comunicar.

Maurie sorriu a Jack com ar travesso.

– Não mudaste nadinha.

– Mentiroso!

O sorriso de Maurie desvaneceu-se e ele baixou a voz, agarrando ao mesmo tempo o pulso de Jack com dedos surpreendentemente fortes.

– Temos de regressar.

Jack franziu o sobrolho.

– De regressar aonde?

– A Londres.

– A Londres? – Jack não fazia ideia de que é que Maurie estava a falar.

– Como fizemos quando éramos rapazes.

Passaram-se longos instantes antes que o entendimento quebrasse finalmente a confusão de Jack.

– Maurie, já se passaram cinquenta malditos anos desde que fugimos para Londres.

Porém, os dedos de Maurie ainda se comprimiram mais em volta do pulso de Jack, com uma força que era quase dolorosa. Os seus olhos estavam focados e fixos nos de Jack e a voz tinha um tom imperativo.

– O Flet morreu.

Aquilo só aprofundou a confusão de Jack. Seria um efeito secundário dos medicamentos que Maurie tomava?

– Quem é o Flet?

– Tu sabes! – insistiu Maurie. – Claro que sabes. Pensa, pelo amor de Deus. Lembra-te dele. O Simon Flet. O ator.

Subitamente, as recordações frias e deprimentes chegaram até Jack. Tinham sido enterradas há tanto tempo, que a sua repentina exumação quase o deixou espantado. Demorou um instante a recuperar.

– Mas o Flet já deve estar morto há anos...

Maurie abanou a cabeça.

– Morreu há duas semanas. – Esticou o braço com dificuldade para puxar um exemplar do escocês *Herald*, pousado na mesa de cabeceira. Empurrou o jornal contra o peito de Jack. – Foi assassinado. Estrangulado num quarto imundo, num bairro social qualquer para os lados do East End, em Londres.

Como se tivesse acabado de assistir ao levantar de um cadáver há muito enterrado, o odor da recordação súbita e desagradável fez com que Jack cerrasse os dentes, como se se debatesse arduamente para não respirar, com medo de que o ar estivesse contaminado.

Quando se inclinou para Jack, a voz de Maurie não era mais do que um murmúrio:

– Não foi o Flet que matou aquele jovem pulha.

Naquele momento, Jack ficou de facto espantado.

– Foi ele, sim.

– Não foi nada! Eu fui o único que viu o que aconteceu. Por isso só eu sei.

– Mas... mas, Maurie, se isso é verdade, por que motivo nunca disseste nada?

– Porque não havia necessidade. Era um segredo que queria levar comigo para a sepultura. – Espetou o dedo no jornal. – Mas isto muda tudo. Eu sei quem cometeu o crime em 1965. E podes crer que sei quem matou o pobre do Simon Flet. – Inspirou, e o ar pareceu tremê-lo na garganta, como se tivesse ali uma borboleta encurralada. – O que quer dizer que tenho de voltar lá, Jack. Não tenho alternativa. – Por instantes, o seu olhar fixou-se num ponto para lá do amigo, perdido algures no meio de memórias tristes. Depois, Maurie virou o arrependimento para Jack. – Não me resta muito tempo... e tu vais ter de me ajudar a chegar lá.

II

Num canto do quarto, uma guitarra acústica repousava encostada à parede. Era uma Gibson, mas, pelo pó que se acumulava na caixa, Jack percebeu que Dave não a tocava há muito tempo. Limitava-se a tê-la ali parada, como uma lembrança da juventude perdida e de todas as ambições falhadas nascidas numa era na qual era fácil sonhar.

Dave estava mais magro e Jack presumiu que ele não se estivesse a alimentar bem. Embora Dave afirmasse que já não bebia, Jack sentia o cheiro do álcool no amigo. Todo o quarto fedia a bebida velha.

Dave seguiu o olhar de Jack em direção à guitarra.

– Ficou mais suave com os anos – disse. – Está a envelhecer como um bom vinho.

– Quando foi a última vez que tocaste?

– Oh...

Jack percebeu que Dave estava prestes a mentir, mas depois pareceu reconsiderar.

– Já foi há algum tempo – acabou por dizer, passando com o polegar pesaroso pelas pontas dos dedos da mão esquerda, que não tinham qualquer calo. – É espantosa a rapidez com que a pele fica

suave. – Olhou de relance para Jack, com um sorriso retorcido a vincar o rosto barbudo. – E como volta a doer, mal se recomeça a tocar.

Jack olhou em redor do quarto. Os cortinados puxados até meio das janelas. Uma cama de solteiro encostada a uma parede. A televisão num canto. Um par de poltronas velhas colocadas perto da velha lareira de azulejo. Antigamente, aquele quarto era dos pais de Dave. A casa fora herdada após a morte da mãe, já viúva, e escolhida para criar a sua própria família. Era uma casa cheia de memórias negras, brutais, que nem mesmo a aparição de novas vidas no mundo conseguiu apagar. Parecia ser uma casa destinada à mágoa. Uma mulher que partiu para parte incerta à procura da felicidade; um filho que voltou ao ninho, como um cuco. Dave e a sua luta com a bebida estavam agora confinados àquele quarto e Jack não tinha dúvidas de que, em breve, o amigo seria completamente posto de parte. Talvez o mandassem para um lar ou para uma casa da Segurança Social, como aconteceu com Jack.

Dave ergueu-se novamente na poltrona e olhou para Jack com um ar pensativo.

– Então, o Maurie já não vai cá andar muito tempo?

– Acho que não. Ele está com um aspeto péssimo, Dave. Terrível, mesmo.

– E como é que ele acha que vai conseguir fazer a viagem para Londres?

– Quer que sejamos nós a levá-lo – respondeu Jack.

Dave riu-se sem alegria.

– Pois, como se estivéssemos em condições para isso. – Os seus lábios pálidos e secos estremeceram com a tentativa de um sorriso. – Mas também não percebo porque é que só agora é que se lembrou de nos dizer que não foi o Flet que matou aquele tipo.

Jack puxou o exemplar do *Herald*.

– Foi por causa da história do assassinato do Flet.

Ouviram a porta da frente a abrir e a fechar e depois passos pesados no *hall* de entrada. A porta do quarto de Dave abriu-se de repente e surgiu uma mulher de meia-idade a respirar com dificuldade e a olhar para eles com uma expressão zangada. Jack pensou que ela até

poderia ter sido uma mulher atraente, nos seus tempos áureos, se não fossem os cantos da boca virados para baixo, sem dúvida um reflexo exterior da sua personalidade. Porém, questionou-se: se assim fosse, quem mais teria casado com o filho de Dave? Ela usava calças pretas de fazenda, bem engomadas, um casaco curto cinzento por cima de uma blusa branca e uma expressão tão azeda no rosto como um copo de leite esquecido ao sol.

O olhar recaiu sobre Dave.

– Já cá está – disse ela com secura.

– A observação sempre foi o teu forte.

A boca da mulher comprimiu-se.

– Encontrei as suas reservas.

Jack percebeu como aquela notícia deixou o amigo desapontado.

Mas Dave tentou não dar parte fraca.

– Como é que sabes que não é do Donnie?

– Não quero saber de quem era. Foi tudo pelo cano abaixo. – A centelha de um sorriso fez-lhe levantar os cantos da boca e a mulher olhou para Jack. – E agradecia que não trouxesse os seus amigos de bebedeira cá para casa.

Jack irritou-se e levantou-se. Voltou a enfiar o *Herald* no bolso.

– Se calhar é melhor continuarmos a nossa conversa noutro lugar, Dave. Está aqui um cheiro desagradável.

Dave levantou-se com dificuldade.

– Pois está, tens razão. Alguém lhe devia dizer para não usar roupas de *nylon*. – Fez um sorriso travesso na direção da nora. – E, da próxima vez que quiseres entrar no meu quarto, bate à porra da porta, sim?

Apanharam o autocarro para Queen's Park. Jack tinha uma consulta marcada no dentista umas horas depois e não queria arriscar atrasar-se.

– Andas muito para vir ao dentista – disse Dave.

– É uma associação familiar que já vem muito de trás. O pai dele era dentista do meu pai. E, de qualquer maneira, sempre achei piada ao nome dele: Gummers.¹

¹ Alusão a *gum*, cuja tradução literal é «gengiva». (NT)

– Ah! – Dave riu-se. – É como aquele electricista que se chama Sparks.²

Saíram do autocarro em Shawlands Cross e Dave sugeriu que fossem até ao Corona Bar. No entanto, Jack conduziu-o até ao parque e propôs-lhe que se sentassem junto ao lago. Ali ninguém os incomodaria.

Encontraram um banco vazio ao pé de um trilho que dava acesso à bacia de água cinzento-escura na qual o pai de Jack costumava brincar quando era menino. Às vezes havia patos no lago, mas, estranhamente, naquele dia a maior parte das aves eram gaivotas. Talvez fossem prenúncios de uma tempestade que se avizinhava.

Estavam no início de abril, mas o vento ainda era frio e os dois homens protegiam-se com casacos de inverno e cachecóis. Dave usava um boné de fazenda puxado sobre umas feições que, outrora, eram esculpidas, mas que, com o tempo, foram perdendo a definição e tornaram-se lúgubres. Pele solta num rosto magro. O cabelo de Jack, embora fosse de um tom prateado puro, era luxuriante e cuidadosamente cortado, por isso, a vaidade impedia-o de usar um chapéu e estragar o penteado. Dave era alto, com uns bons dez centímetros a mais do que Jack, e juntos formavam um par peculiar, ali sentados no banco do jardim. Eram como dois anteparos, pensou Jack, enquanto se lembrava brevemente do refrão de uma canção.

– Deixa-me ver – disse Dave, tirando do bolso um par de óculos de armação de tartaruga, enquanto desdobrava o jornal.

Jack apontou o dedo para o artigo na parte de baixo da página da frente e o amigo leu em voz alta. Exatamente como os obrigavam a fazer na escola, sentados em filas, a ler os enfadonhos livros de História um parágrafo à vez, como se assim se aprendesse alguma coisa.

– «Assassinado depois de andar foragido durante cinquenta anos». – Dave levantou os olhos do cabeçalho. – Cinquenta anos, hã? Uma pessoa pisca os olhos e parece que não foi assim há tanto tempo.

Voltou a concentrar-se no jornal.

– «A estrela cinematográfica Simon Flet, que desapareceu em 1965 depois de espancar um homem até à morte durante uma festa repleta

² *Sparks*, na sua acção mais comum, pode traduzir-se como «faíscas». (NT)

de drogas no West End Londrino, foi encontrada morta num quarto de um bairro social em Stepney.

»O corpo do homem de 74 anos, desaparecido durante meio século, foi encontrado estrangulado na sua cama há duas semanas, depois de o senhorio ter sido obrigado a forçar a entrada no quarto. A polícia acredita que ele já estava morto há uma semana.

»Porém, a sua identidade só foi confirmada ontem, depois de obtidos os resultados dos testes de ADN.

»Depois do crime de 1965, Flet fugiu da casa de Kensington, que pertencia, e ainda pertence, ao Dr. Cliff Robert, cuja investidura pelos serviços prestados no campo da medicina foi recentemente anunciada na lista New Year's Honours.

»Embora se presumisse que Flet tinha morrido afogado ao tentar fugir para França num pequeno iate que mantinha ancorado numa marina perto de Portsmouth, o seu corpo e a embarcação nunca foram encontrados. Os rumores de que estaria vivo persistiram durante décadas, com numerosos “avistamentos” a ser denunciados um pouco por todo o mundo. O mistério do ator desaparecido foi ainda mais duradouro do que o desaparecimento de Lord Lucan, quase uma década depois, e já muito se escreveu sobre ele ao longo dos anos».

Dave inclinou o rosto para Jack, com a dúvida estampada no rosto.

– Mas então como é que isto é possível?

– O quê?

– ADN. Eles naquela altura não tinham como analisar o ADN. Como é que iam arranjar uma amostra do Flet, mesmo que soubessem o que deviam testar? – Fez uma pausa. – Como diabo é que iam fazer isso?

Jack estendeu o braço e pegou no jornal. Procurou nos bolsos durante algum tempo e depois deu um estalido com a língua, irritado.

– Empresta-me os teus óculos.

Dave tirou-os do rosto, mas depois hesitou.

– Espera lá, a tua cabeça é maior do que a minha. Vais alargar-me as hastes.

Jack arrancou-lhe os óculos da mão e colocou-os na cara. Passou os olhos pelo artigo e depois começou a ler.

– «Inicialmente, as tentativas da polícia de identificar o defunto revelaram-se infrutíferas. Porém, os investigadores ficaram intrigados com um pedaço de pele que fora arrancado do antebraço esquerdo, concluindo assim que o assassino tentou remover uma marca distintiva de natureza incerta. Depois de interrogados os vizinhos e o senhorio, apurou-se que a vítima tinha uma pequena tatuagem de um pássaro azul no antebraço em questão. Esta informação originou uma busca intensiva por entre os casos ainda abertos e os casos inconclusivos. No entanto, acabou por ser uma simples pesquisa na Internet a revelar a menção a uma tatuagem similar num artigo escrito há cerca de dez anos sobre o misterioso desaparecimento do ator Simon Flet».

Jack olhou de relance para Dave.

– Lembras-te de a ver? A tatuagem?

O rosto de Dave assumiu uma expressão sombria enquanto acenava com a cabeça.

Jack continuou a ler.

– «A descoberta levou a polícia a casa da irmã mais nova de Flet, Jean. Esta ainda tinha em sua posse um caracol do cabelo do ator, cortado pela mãe de ambos quando ele era bebé e que ficou guardado para a posteridade, como era costume fazer-se na época. A comparação do ADN confirmou a identidade do defunto».

Jack tirou os óculos do amigo e este agarrou-os, experimentando-os, para confirmar a largura das hastes.

– E alargaste mesmo! Alargaste-me as hastes dos óculos!

Porém, Jack nem o ouvia. Estava a olhar fixamente para o outro lado da água, para lá do trânsito da Pollokshaws Road, em direção a uma fileira de casas de arenito bem cuidadas.

– Eu nasci mesmo ali, sabias?

Dave seguiu o olhar do amigo.

– Hã?

– Marywood Square. Nasci na casa de saúde. Era o que se fazia na altura. A poucas centenas de metros do sítio onde o meu pai cresceu, em Springhill Gardens. – Olhou de relance para o fundo da estrada,

em direção às fileiras de casas de arenito vermelho que se situavam em redor de um jardim cheio de ervas. – É engraçado. Ontem à noite, quando fui ver o Maurie, lembrei-me de quando tirei as amígdalas em Victoria. – Olhou para o Dave. – Mas também me lembro de o meu pai me ter contado que o médico tinha ido a casa dele e lhe tinha tirado as amígdalas em cima da mesa da cozinha. Consegues imaginar uma coisa destas? Agora parece demasiado medieval.

Dave expirou, soltando a sua exasperação.

– O que é que isso tem que ver com isto? – Espetou um dedo no artigo do jornal.

Jack encolheu os ombros.

– Nada. É só que... Para onde é que eles foram, Dave?

– Eles quem?

– Os anos. Os sonhos. – Dirigiu um sorriso pálido ao outro homem. – Nunca pensei que iria ser velho, Dave. Nunca me senti velho. Não verdadeiramente. Na minha cabeça, sempre fui um rapazito. Até agora. – Os olhos azuis desbotados de Jack voltaram a ganhar foco. – O que é que vamos fazer?

– Acerca do Maurie?

Jack assentiu.

– Talvez devêssemos ir visitá-lo, os dois, Jack. Quero dizer, ele não pode esperar seriamente que vamos atrás dele nesta caça aos gambuzinos, lá porque lhe deu um desejo antes de morrer.

Jack sorriu.

– Pois não. Isso não seria nada responsável da nossa parte, não achas?

Uma escola primária próxima do parque acabara de cuspir as crianças para o frio da tarde; os seus gritos e gargalhadas sobrepunham-se ao rugido do trânsito da Pollokshaws Road. Os pombos esvoaçavam sobre um grupo de rapazes reunidos à beira da água enquanto tentavam apanhar alguma coisa numa rede. Com os respetivos carrinhos de bebés, as mães concentravam-se em redor de um parque infantil ainda com as árvores despidas, e o vermelho das casas de arenito contrastava fortemente com o frio céu azul.

Jack e Dave encaminharam-se juntos para o portão do parque, num dos cantos. Dois homens velhos, gente-sombra com vidas gastas e sem muito para mostrar; invisíveis às crianças e às suas jovens mães. Despediram-se no cruzamento da Pollokshaws Road com a Balvicar Street, e Dave encaminhou-se para o autocarro que o levaria de regresso a casa. A hora da consulta de Jack no dentista estava próxima, mas este ainda ficou por um instante a observar Dave a passar a paragem do autocarro e a atravessar a estrada em direção ao New Regent Bar, antes de virar pesaroso na direção da Victoria Road.

III

Jack desceu do autocarro na paragem que ficava ao pé do café Derby, em Netherlee. Quando eram crianças, chamavam-lhe «Tallie», uma decomposição de «italiano», porque naquela altura todos os cafés pertenciam a imigrantes italianos. Havia o Derby, o Boni's, em Clarkston, e outro em Busby, de cujo nome já não se lembrava. Todos tinham os melhores gelados. Bolas simples e bolas duplas, em bolachas e cones. Jack pensou brevemente se naquela altura poderia ser considerado politicamente incorreto referirem-se ao café como «Tallie».

A estrada que passava no fundo do aglomerado de lojas levou-o para lá da escola primária. O parque de estacionamento estava quase vazio, mas havia um grupo de miúdos a jogar à bola na relva; as suas vozes erguiam-se por entre os ramos das árvores de inverno que ainda mal começavam a florescer. Ao invés, o parque de estacionamento da casa de repouso estava quase cheio. Não que muitos dos residentes tivessem carro próprio, mas havia sempre familiares que os visitavam e os funcionários do edifício.

Quando viu o genro e a filha a saírem do bloco de apartamentos de tijolo vermelho, o coração de Jack afundou-se no peito. Eles aparentavam estar muito pouco satisfeitos e já se encontravam muito perto do seu Mondeo quando o viram a chegar. O filho do casal – Ricky, neto de Jack – estava encostado à mala do carro, com a cara enterrada

numa consola Nintendo 3D, como já era habitual, com os polegares a deslizarem furiosamente sobre os botões. Mesmo ao longe, Jack conseguia ouvir os sons ociosos do jogo animado a flutuar através do parque de estacionamento.

Susan era uma rapariga muito meiga, mas, à semelhança da mãe, não tinha uma personalidade muito assertiva. Não restavam dúvidas de que Malcolm era definitivamente a parte dominante do casal. Ele e Jack nunca nutriram grande carinho um pelo outro.

Jack não tinha a certeza de a quem é que saía Ricky. Saído algures da sua história genética, herdara o gene da obesidade. Este não lhe chegara diretamente através dos pais ou dos avós, mas fazia-o travar constantemente, e perder, a dura batalha com a balança. Tinha bastante peso a mais e usava as calças de fato de treino e as camisolas mais largas que conseguia encontrar nas lojas e que em certas partes do corpo chegavam a ficar justas. Em compensação, fora abençoado com um QI que era pura e simplesmente uma coisa do outro mundo. Todo o seu percurso escolar e, mais tarde, na universidade foi cumprido sem esforço; concluiu o curso superior em Matemáticas e Ciências da Computação com louvores, um ano mais cedo do que o esperado. Tudo isto para dar agora por si sem emprego e, uma vez que o excesso de peso lhe roubara a confiança, sem grandes perspectivas de que alguém o contratasse. Isto fizera com que se refugiasse no mundo noturno dos jogos de computador, para depois dormir durante a maior parte dos dias.

– Onde diabo se meteu? – Malcolm nunca fora homem de medir as palavras.

Jack sorriu.

– Muito gosto em ver-te também.

– Pai, sabe que vimos sempre visitá-lo à sexta-feira à tarde. – Susan mostrou-se mais conciliadora, mas as suas palavras também denotavam acusação.

– Tive consulta no dentista. Esqueci-me. Desculpem.

– Olá, avô. – Ricky nem sequer levantou os olhos do jogo.

– Bem, já está aqui – afirmou Susan, olhando de relance e com algum nervosismo para Malcolm. – Ainda temos tempo para uma chávena de chá.

– Ainda bem – disse Jack. Mas, por muito que se esforçasse, não conseguia impedir que o sarcasmo invadisse a sua voz.

Foi sozinho de elevador até ao primeiro piso, enquanto a família subiu pelas escadas. Se estivesse sozinho, também teria ido por aí, mas assim sempre tinha um instante de descanso antes da tempestade que sabia que se aproximava. Talvez fosse por isso que havia gaivotas no lago em Queen's Park, recordou. Enfim, de qualquer maneira, era exatamente por aquele motivo que estava na casa de repouso. Nos meses que se seguiram ao ataque cardíaco, as escadas da sua casa tornaram-se um problema. Malcolm e Susan colocaram o nome de Jack na lista de espera da casa de repouso. Segundo Malcolm, seria demasiado dispendioso instalar um elevador nas escadas, além de que isso reduziria o valor potencial da propriedade, caso um dia decidissem vendê-la.

A família vivia com Jack desde que a hipoteca da sua casa fora executada pelo banco, durante o breve período no qual Malcolm ficou sem emprego, por ter sido dispensado de uma das grandes seguradoras nacionais. A estada devia ter sido temporária. Mas, passados dois anos, e apesar de Malcolm já ter encontrado outro emprego, continuavam a viver na casa de Jack. Entretanto, e antes do que alguém esperara, um dos apartamentos da casa de repouso de Netherlee ficou vago e Jack saiu da sala do rés do chão, onde dormia, para se instalar no seu próprio espaço. Agora, tinha a certeza de que a família estava apenas a contar os dias até poder reclamar a sua herança. Deixava-o muito desconfortável sentir que eles estavam só à espera de que ele morresse, e diabos o levassem se ele lhes ia fazer a vontade. Pelo menos, não para já.

Estavam à espera dele, junto à porta do apartamento, que ficava no fundo do corredor, e Jack ouvia os apitos e silvos do jogo de Ricky.

– Talvez seja melhor baixares o som do jogo, filho – disse. – Alguns dos velhotes que aqui vivem são um pouco sensíveis ao barulho.

Ricky olhou para ele com um ar irritado e ligou os auscultadores à consola.

Uma vez em casa, Jack colocou a chaleira ao lume, adiando o quanto podia o momento em que teria de se juntar a eles. Quando finalmente foi para a sala, Susan estava ansiosamente empoleirada no

braço da poltrona e Malcolm colocara-se junto à janela, olhando taciturnamente para o relvado e para o bloco de apartamentos que ficava do outro lado. Ricky estava estendido no pequeno sofá, ainda embrenhado no jogo.

Malcolm virou-se e olhou para Susan. Era a sua deixa para falar.

– Pai, os filhos da senhora Rodgers telefonaram-nos outra vez.

Jack já sabia disso, porque Fiona lho tinha contado.

– Eles dizem que são obrigados a insistir que se afaste da mãe deles. Se não o fizer, vão avançar com uma queixa formal e pedir que seja expulso aqui do complexo.

– É muito cristão da parte deles – respondeu Jack. Sabia que os filhos da Fiona eram pessoas religiosas, embora a própria se descrevesse como «apóstata».

– A Fiona contou-lhes que estão a pensar abdicar dos dois apartamentos individuais em troca de um de casal – referiu Susan.

– É uma vergonha, Jack. – Malcolm fez uma careta descontente para ilustrar a sua ideia.

– Achas? – Jack começou a sentir-se irritado. – Então, e em que idade, exatamente, é que o sexo consentido entre dois adultos deixa de ser natural para se tornar uma vergonha?

– Pai... – soltou Susan, constringida.

– Não, digam-me lá. É quê? Aos 40? Aos 50? Ou aos 60? Tu tens quantos anos, Malcolm? 45? E ainda fodes a minha filha?

– Pai! – exclamou Susan, desta feita chocada, enquanto se levantava de um pulo.

– Já chega, Jack – disse Malcolm.

– Não, não chega! Como se atrevem a vir até aqui dizer-me com quem posso ou não posso dormir? A Fiona e eu não somos um par de adolescentes. E *voçês* não são a porra dos meus pais!

– Pai, pelo amor de Deus, tenha tento na língua... Pelo menos em frente ao menino.

Jack quase explodiu.

– O menino? O menino nem sequer está a ouvir, porra!

Naquele momento, todos se viraram para Ricky.

Passou-se um instante até a consciência penetrar no jogo, e, perplexo, o rapaz virou a cabeça em direção aos três.

– O *qu'ê* que foi? – perguntou.